

OPINIÃO

A criação de uma cultura educativa voltada aos dados

Eduardo Nistal (\*)

A figura dos dados é, sem dúvida, um dos grandes exemplos de como a transformação digital pode revolucionar a realidade operacional das empresas brasileiras.

artifícios de se capacitar profissionais pouco familiarizados com o tema. Existem práticas voltadas para treinamentos educativos e que vão além, tornando o processo de transformação digital inclusivo e acessível a todos. Isso nos leva ao próximo tópico.

Atualmente, é quase unanimidade que existe uma grande lacuna quanto à qualificação na área de leitura e interpretação de informações. O método de Data Literacy surge com a proposta máxima de alfabetização de dados que, em outras palavras, significa ajudar o profissional a utilizar os dados disponibilizados com tranquilidade e confiança de que está fazendo a coisa certa.

Com a utilização analítica de informações armazenadas internamente, o gestor, bem como suas equipes de profissionais, poderá apoiar suas decisões em referências seguras, sobre melhores métodos de trabalho, estratégias a serem traçadas, o próprio relacionamento com o cliente, entre outras vertentes cotidianas. Trata-se de um estágio de eficiência e produtividade a ser conquistado pelos que realizam essa transição para o digital.

Outra característica relevante dessa metodologia inovadora é na dimensão dos benefícios que trazem à organização, desde a capacitação individual do colaborador até a construção de uma cultura de alfabetização geral, em que todos terão a capacidade de interpretar um dado, utilizar o gráfico correto para determinada informação, saber conceitos básicos como, por exemplo, mídia móvel que tanto se fala hoje devido a pandemia, entre outros conceitos.

No entanto, o caminho para atingir esse nível de aproveitamento extremamente positivo requer medidas pontuais por parte dos líderes, que devem construir uma cultura organizacional alinhada com a inclusão de todos quanto à presença tecnológica e a geração de insights. Não por acaso o conceito de educação de dados tem crescido no meio empresarial, expondo a urgência por uma capacitação abrangente e democrática.

Para normalizar o Data Literacy no âmbito interno, existem alternativas que funcionam como um programa educacional visando a participação das pessoas que lidam diariamente com o fluxo de informações. O objetivo é preservar o protagonismo dos profissionais de modo que todos tenham acesso aos objetos analíticos.

Por que a educação de dados deve ser pauta na sua empresa? Quando se discute o avanço da tecnologia sobre as empresas, é muito fácil cair na digitalização como um fator único para que a inovação resolva todos os problemas apresentados pela companhia. Naturalmente, esse pensamento acaba desmistificado na prática, especialmente se nos aprofundarmos no universo dos dados e como esses objetos analíticos são valiosos.

Com isso, a etapa de tomada de decisão, evento que precede qualquer tipo de iniciativa, de pequena, média ou grande escala, terá todas as condições de funcionar adequadamente, reduzindo a chance de equívocos e fomentando atitudes próximas à realidade da empresa e também do mercado.

O conceito de Business Intelligence (BI) traduz o potencial do uso inteligente de informações e como essa movimentação pode impactar diversas vertentes internas, atribuindo muito mais assertividade às medidas adotadas. Porém, é de suma importância compreender o papel das pessoas nesse cenário, afinal, não se trata de descartar o protagonismo dos colaboradores, pelo contrário, são eles os maiores responsáveis por interpretar os materiais extraídos e transformá-los em ações efetivas.

Volto a destacar o papel dos líderes para que a alfabetização dos dados seja uma ação primária dentro das empresas. Os benefícios desse movimento são numerosos e colocam a devida importância no uso de informações estratégicas, sempre sob a premissa de que o profissional é peça-chave nesse processo.

(\*) - Com mais de 19 anos de experiência executiva na estruturação, liderança e inovação das áreas Comerciais, Marketing, Canais, Parcerias, Modelos de Negócio e Desenvolvimento de Produtos, é CEO do Grupo Toccatto.

Low-code aumenta protagonismo da TI em prol dos negócios e da inovação

Para atender às exigências dos consumidores hiperconectados, organizações precisam adotar tecnologias de automação inteligente que atuem diretamente no core dos negócios

Rafael Lameirão (\*)

O desenvolvimento em low-code é uma prática que existe há anos, mas somente nos últimos tempos passou a estar em evidência nas grandes empresas e em áreas complexas de grande competitividade, como telecomunicações e finanças, setores em que o investimento em software, automação inteligente e inovação contínua são cruciais e mandatórios.



Rafael Lameirão

Ao ser incorporado no contexto corporativo como um todo, o low-code traz benefícios claros como ganho em produtividade, diminuição de custos e agilidade no time to money. Mas nem sempre foi assim. Antigamente, era comumente utilizado apenas em aplicações departamentais com o intuito de organizar e simplificar o dia a dia das tarefas.

assim, sua vantagem competitiva. Ou seja, ao contrário do que se poderia imaginar, o low-code não tira a importância da TI no ambiente dos negócios, mas a torna ainda mais protagonista no caminho da inovação e da jornada digital.

Porém, com o passar do tempo e a mudança drástica de comportamento e exigência dos consumidores, cada vez mais conectados e em busca de experiências realmente omnichannel, as companhias passaram a buscar aprimoramento contínuo para atender a essas novas demandas dos clientes.

Movimento tecnológico em evolução

Por este motivo, o low-code deixou de ser aplicado majoritariamente em aplicações desconectadas e departamentais e vem sendo cada vez mais utilizado no core das companhias, atuando como um dos pilares estratégicos quando o assunto é inovação e entregas cada vez melhores e mais rápidas.

Segundo o relatório do Gartner 'Forecast Analysis: Low-code Development Technologies', globalmente a maioria das grandes organizações adotará várias ferramentas low-code até o final deste ano. O estudo prevê que as Plataformas de Aplicativos Low-Code (LCAP na sigla em inglês) continuem sendo o maior componente do mercado de tecnologia de desenvolvimento até 2022, aumentando quase 30% em comparação com 2020, para chegar a US\$ 5,8 bilhões, em 2021. Não há dúvida, companhias e fornecedores de TI que apostam em low-code estão no caminho certo quando se pensa em inovação e transformação dos negócios.

Além disso, com low-code a TI se torna mais moderna e eficiente, trabalhando estrategicamente para alavancar os negócios - e consequentemente as empresas estarão em linha com as tendências de mercado e as demandas dos consumidores finais, aumentando,

RPA: uma tecnologia centrada em humanos

Sempre que falo sobre automação robótica de processos, a principal dúvida que surge é: as pessoas perderão seus empregos? Mas, para as corporações que já aderiram ou estão começando a trilhar a automação de processos, a resposta já está clara e é: não.

Mas não é só isso. Automatizar significa inserir de verdade os funcionários no negócio e não os afastar dele. Os robôs não funcionam sozinhos, nem no melhor cenário de ficção científica. O raciocínio e as emoções humanas são fundamentais para o sucesso de qualquer negócio.

possam mapear o que pode ser automatizado de forma estratégica e não com o olhar focado em uma única tarefa repetitiva -, oferece possibilidade de descobertas colaborativas, ferramentas de avaliação palpáveis para que equipes e gerentes possam tomar decisões mais assertivas?

O RPA - sigla para robotic process automation - ao automatizar processos e permitir que as atividades continuem sendo executadas nas empresas em meio ao caos que estamos vivenciando em decorrência da pandemia - com muitas equipes trabalhando de forma remota de repente, com quebra do ritmo de diversos elos das cadeias produtivas - tem se mostrado a solução mais assertiva para dar resiliência às empresas e, consequentemente, não permitir que se desfaçam e, com isso, levem ao desemprego de mais pessoas.

Em uma conversa que tive com o Dr. Bernhard Schaffrik, Principal Analyst na Forrester, ele foi enfático em afirmar: "Não é apenas a tecnologia que direciona o sucesso, mas como a tecnologia está sendo adotada pelas pessoas". Para Schaffrik, a última "onda" do RPA, avaliada pelo estudo "The Forrester Wave™: Automação Robótica de Processos, 1º trimestre de 2021" apontou mais para um caminho de uma tecnologia centrada no humano. O que isso significa?

A tecnologia centrada no humano significa ainda que as empresas que buscam automação desejam dos fornecedores mais do que a tecnologia em si, mas suporte de produtos e serviços, consultoria estratégica. Conexões reais para a solução de problemas ou melhoria significativa da performance do negócio. A mentalidade em relação à implementação de soluções de RPA começa a mudar, felizmente. Mas, como toda quebra de paradigma, o caminho a ser percorrido leva um tempo. Não há impeditivos técnicos relevantes para escalar o RPA nas empresas, mas há necessidade de modificar o mindset - como está ocorrendo - e trazer cada vez mais os funcionários para a tomada de decisão. O RPA não foi desenvolvido para as máquinas. Ele é centrado nos humanos e somente os humanos podem escalar todo o seu potencial.

O estudo "RPA Latam 2020 Insight" produzido pela Practia destaca: antes da pandemia, as principais motivações para o investimento em automação eram custos mais baixos, melhoria de desempenho e aumento da renda. Em 2020, a automação foi motivada pela necessidade imediata de continuidade e resiliência dos negócios, geração de insights e redução de riscos.

Significa, por exemplo, que as corporações que estão investindo em automação buscam a forma como o design da plataforma de RPA é desenvolvido. A gestão é intuitiva? De fácil compreensão? Traz features que realmente facilitam o dia a dia e liberam os colaboradores para tarefas estratégicas e de alto valor para o negócio?

(Fonte: Guy Kirkwood é Evangelista-chefe na UiPath)

News @TI

ricardosouza@netjen.com.br

ISH Tecnologia abre filial com foco em Centro-Oeste, Norte e Nordeste

A ISH Tecnologia, empresa de capital 100% nacional, líder nos segmentos de cibersegurança, infraestrutura crítica e nuvens blindadas, abre uma nova filial com sede em Brasília (DF) e pontos de presença em Goiânia (GO), Recife (PE) e Fortaleza (CE). Com o nome de CONNE (Centro-Oeste, Norte e Nordeste), a nova ramificação da empresa busca aumentar sua presença nessas regiões do Brasil, além de oferecer soluções em tecnologia de dados e segurança digital nos negócios mais proeminentes dessa parte do Brasil. "Não buscamos apenas crescer nessa parte do país, como também consolidar nossos serviços especialmente nas áreas de agronegócio, financeiro, farmacêuticos, energia e educação", afirma Vitor Costa, diretor da CONNE (https://ish.com.br/).

Cursos de pós-graduação a distância ganham mercado, com destaque para os da área de saúde

O Unipet está com inscrições abertas para 35 cursos de pós-graduação nas mais variadas áreas do conhecimento (saúde, direito, educação e negócio). Todos os cursos são no formato EAD e valorizam a autonomia do acadêmico, ou seja, o aluno consegue fazer tudo pela plataforma sem a necessidade de ir ao campus ou de assistir aula presencial. As aulas ficam disponíveis na plataforma e cada um pode assistir de acordo com o seu melhor horário. Os cursos têm duração média de 10 meses, com cargas horárias variadas. Mais informações no site https://www.posuniopet.com.br/